

TRADUTORES-INTÉRPRETES BACHARELANDOS DO CURSO LETRAS-LIBRAS: UMA REFLEXÃO ACERCA DA INFLUÊNCIA DA PRÁTICA DOCENTE E FORMAÇÃO PRECEDENTE AO CURSO

Marcos Luchi¹ (UFSC)

Fabíola Sucupira Ferreira Sell² (UFSC/UDESC)

Resumo: Este trabalho traz reflexões quanto aos aspectos da formação formal e não formal dos tradutores/intérpretes bacharelandos do primeiro curso de Letras-Libras realizado pela Universidade Federal de Santa Catarina na modalidade de educação a distância para 15 Estados no Brasil em sua primeira turma nesta modalidade, que teve início no segundo semestre de 2008. Traz questões acerca de formações anteriores ao curso, no que diz respeito a formações universitárias anteriores e a possível influência na atuação como intérprete. Para tanto, foram feitas entrevistas com perguntas específicas, abertas e fechadas com os acadêmicos a fim de investigar quantitativa e qualitativamente se possuem outras formações acadêmicas, em especial cursos de licenciatura em pedagogia e ou educação especial. Os dados foram analisados reflexivamente a partir de Chouliaraki e Fairclough (1999), considerando que a prática social influenciará na constituição identitária do sujeito, no caso os futuros intérpretes. Além disso, analisou-se a interpretação de um texto do português para a língua de sinais de dois bacharelandos, um em sua primeira formação e sem prática docente e outro formado em um curso de licenciatura com prática docente. Como resultados, foram apontadas diferenças na atuação de ambos, as quais parecem estar ligadas à questão identitária de cada um, parecendo, assim que uma dupla formação juntamente com a prática cotidiana de ensinar e interpretar deixa o intérprete numa zona fronteira no momento da interpretação, ou seja, entre o ato tradutório/interpretativo e a docência.

Palavras-chave: Tradução-interpretação; LIBRAS; Educação a distância.

Introdução

O início da interpretação de língua de sinais no Brasil, bem como em outros países, foi caritativa nos âmbitos familiar e, principalmente, religioso, como é mencionado por vários autores, como em Quadros (2004):

¹ Bacharelado do curso Letras-LIBRAS da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); intérprete bolsista da UFSC.

² Bacharelada do curso Letras-LIBRAS da UFSC; professora da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC/CEAD).

Em vários países há tradutores e intérpretes de língua de sinais. A história da constituição deste profissional se deu a partir de atividades voluntárias que foram sendo valorizadas enquanto atividade laboral na medida em que os surdos foram conquistando o seu exercício de cidadania. (QUADROS, 2004 p.13)

Como em seu início, até hoje em muitos âmbitos o intérprete de língua de sinais não é visto como um profissional, sendo muitas vezes questionado quanto a seu trabalho e marginalizado pela remuneração de uma função que na visão dos contratantes deveria ser voluntário. Com a inserção do surdo em ambientes políticos, sociais e educacionais, o intérprete passou a acompanhá-lo nesses meios, assumindo uma postura profissional, porém nem sempre reconhecida, já que em muitos casos não havia uma formação específica para isso.

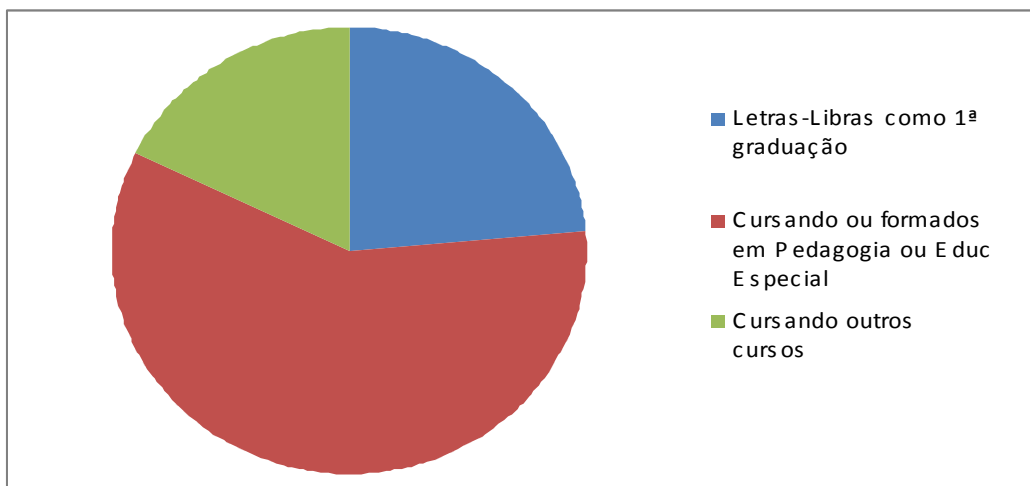
Entretanto, no ano de 2008, a Universidade Federal de Santa Catarina abriu as portas para essa formação com o curso Letras LIBRAS – Bacharelado na modalidade a distância. O bacharelado visa à formação de tradutores/intérpretes de língua de sinais para atuarem em salas de aula, em reuniões e conferências, na tradução de textos técnicos e literários e na revisão e preparação de textos.

Muitos desses graduandos apresentam em seus históricos cursos de licenciatura e também muitos têm experiência docente, o que faz surgir questões sobre sua futura postura quando estiverem formados como bacharéis no curso Letras Libras. Até que ponto eles sofrerão influência de uma segunda ou terceira formação juntamente com a prática docente? Esta questão é importante, pois intérpretes de LIBRAS como de quaisquer outras línguas buscam a neutralidade no momento em que estão atuando. Práticas docentes juntamente com formação voltada para o ensino colocam o intérprete muitas vezes como docente no momento em que está atuando como intérprete, remetendo a ele lembranças da sala de aula, o que o leva a repetir sua prática cotidiana em que o objetivo é ensinar. Essa experiência que o professor teve e tem em sala de aula pode refletir na sua prática como intérprete, por ver nos surdos para os quais está interpretando os mesmo surdos para os quais ele ensina ou ensinava?

Método

Dados quantitativos da Pesquisa

Analisando os alunos do curso Letras Libras – Bacharelado do pólo UFSC verificamos que de 17 apenas 4 ainda não haviam ingressado no Ensino Superior. Dentre os 13 que possuem curso superior ou em andamento, 10 são de cursos de Pedagogia ou Educação Especial, como podemos ver no gráfico abaixo:



Letras-Libras como 1ª graduação	4
Cursando ou formados em Pedagogia ou Educação Especial	10
Cursando outros cursos	3

Focando nossa atenção nos acadêmicos que representam aproximadamente 58% dos entrevistados, observamos um nível acima da média de alunos que atuam ou pretendem atuar como docentes devido a suas formações anteriores.

A questão da formação de identidade citada acima se dá principalmente pelo currículo dos cursos de licenciatura e pela prática social destes docentes, isto é, em sala de aula. Neste currículo temos disciplinas de metodologias de ensino bem como estágios na educação.

Terrazzan e outros (2008, p. 74) mostram que o modelo curricular adotado pela maioria das universidades apresenta a configuração 3 + 1, ou seja, 3 anos de conteúdos conceituais específicos e 1 ano de conteúdos voltados para a metodologia e prática pedagógica. Essas últimas disciplinas sempre que se referem à formação de professores enfocam mais a formação do sujeito enquanto educador.

Em relação à prática docente, visto que muito dos que já estudam no bacharelado já atuarem como professores, analisamos como as experiências já vivenciadas desses docentes pode influenciar no momento da interpretação. O que nos norteou nessa análise foi a Análise de Discurso Crítica (ADC) como se observa na citação abaixo, de Lima (2006), segundo o qual uma pessoa se torna mais competente no meio em que mais usa a língua, o que acaba restringindo ou moldando sua fluência lingüística para determinados âmbitos. Isto é, uma pessoa se torna mais fluente linguisticamente ao processo já internalizado de uso da língua. Por exemplo, um professor bilíngüe independentemente das línguas que ele domine, ele será

mais capacitado para ensinar ou para interpretar (e/ou traduzir) se a prática lingüística dele for neste contexto.

Podemos diferenciar que tipo de postura cada prática exige dos profissionais docentes e dos profissionais tradutores/intérpretes. No caso do professor, Berlitz (1994) explica o papel deste é de agente mediador, enquanto Rosa (2006) mostra que o papel do intérprete na educação é daquele que viabiliza a comunicação entre surdos e ouvintes, pronunciando em uma língua o que foi dito em outra. Comparando os papéis do professor e do ILS, conforme notam os autores citados, podemos notar o imenso contraste que existe entre ambas as atuações.

Coleta qualitativa de dados

Para explicitar de forma empírica o que discutimos até agora, coletamos dados desses dois perfis opostos, o de uma professora formada em pedagogia com anos de prática docente, e uma intérprete de LIBRAS sem formação acadêmica anterior e com pouquíssima prática de ensino. Ambas são acadêmicas do curso Letras Libras; à época da coleta dos dados, cursavam o 3º semestre. Abaixo segue um perfil profissional de cada intérprete:

Intérprete X	Intérprete Y
Intérprete em universidade e professora de apoio pedagógico especial na rede municipal de ensino atuando com crianças deficientes.	Atualmente trabalha como intérprete em uma universidade.
30 anos e atuou como professora bilíngüe por aproximadamente 4 anos (surdos) e professora de apoio pedagógico especial (todas as deficiências por 1 ano e meio)	22 anos e já atuou como professora por 3 meses.
Possui alguns cursos de LIBRAS, alguns feitos particularmente e outros financiados pela rede de ensino na qual atuava na época. Possui também alguns cursos de interpretação semelhantes aos citados a cima.	Não possui curso de LIBRAS nem de interpretação, somente oficinas de interpretação somando 32 horas.
Contato com surdos é freqüente, mas só nos trabalhos.	Contato com surdos é freqüente, mas só no trabalho.

Elas interpretaram para uma surda a sua frente, numa situação real de interpretação. O texto que pedimos para interpretarem é do livro de Vitor Ramil (2004), intitulado *Estética do Frio*. Ambas não tiveram conhecimento prévio do texto. As interpretações foram filmadas e estão

sendo analisadas para que possamos perceber se há de fato diferenças na interpretação oriundas de formações acadêmicas distintas por parte dos intérpretes.

Ambas foram informadas ao mesmo tempo sobre o tema da pesquisa, que se refere ao um levantamento de perfil dos interpretes bacharelados do curso que elas freqüentam. Foi lhes dito que elas tinham o perfil exato para pesquisa como citado a cima o perfil delas. Uma apresenta prática pedagógica com formação em pedagogia enquanto a outra não apresenta nenhum desses fatores, mencionando que o que analisaríamos não seria a competência tradutória delas, mas sim as escolhas na hora da tradução que revelariam diferenças quanto à prática profissional delas bem como sua formação acadêmica anterior.

Resultados

Voltando à questão da formação anterior em licenciaturas, principalmente em pedagogia ou/com educação especial dos bacharelados do curso Letras Libras, pudemos notar, nas entrevistas realizadas, que os intérpretes que trazem esta formação apresentam uma tendência a atuarem mais como professores do que como intérpretes. Isso se dá justamente porque, conforme vimos, o contexto lingüístico de educação ao qual estavam inseridos vai influenciar no ato interpretativo-tradutório. Assim, nos parece que professores por possuem uma prática docente e uma formação voltada para docência apresentam uma tendência para o ensino no momento da interpretação.

Diante do histórico geral dos intérpretes de LIBRAS, incluindo os que estudam no curso Letras Libras, seria uma utopia imaginarmos que grande parte deles são intérpretes sem prática pedagógica, pois a maioria é advinda de ambientes escolares, onde muitas vezes se estabeleceram como ‘professores’ dos surdos, se apropriando desta função muitas vezes por falta de clareza de seu papel como intérprete.

Isso parece se confirmar quando analisamos as interpretações da coleta qualitativa. Percebe-se que a intérprete X não acompanha em alguns momentos a fala, a voz do locutor. Para entendermos melhor esse aspecto temos que pensar no trabalho que os intérpretes realizam. Para a interpretação simultânea o interprete tende a ficar uma linha ou mais de distancia do locutor para preservar a estrutura da língua meta, a que ele vai traduzir. Neste caso a intérprete X ficava muito mais distante que uma linha não conseguindo retomar muitas das falas do texto, surgindo omissões involuntárias.

Também percebe-se que as paradas que a intérprete X faz, que fazem ela não acompanhe a fala do locutor, ocorrem devido a alguns momentos em que ela tenta se certificar se a surda

tinha entendido e a surda não entendendo, demonstrando isso na expressão fácil, a intérprete explica o que havia dito.

A intérprete Y acompanhou a voz do locutor durante a interpretação com diferença de uma linha ou menos de distância da interpretação. Ela olhava para a surda durante a interpretação, mas em nenhum momento voltou para explicar algo novamente. Também na análise do vídeo percebe-se que a intérprete Y usou sinais específicos para o léxico da língua oral, isto é um conhecimento terminológico mais amplo, conhecimento este que a intérprete X não apresentou.

Discussões

Não nos cabe aqui entrar na temática de quão defasados escolarmente estão os surdos, mas grande parte dos que utilizam o serviço de intérprete no ensino fundamental, que começa no 6º ano, não estão com o mesmo conhecimento que os demais alunos ouvintes da sala e muito menos com a LIBRAS totalmente adquirida. Diante disso, o que cabe ao intérprete como conhecedor dessa realidade, sabendo dos aspectos culturais e sociais da comunidade surda. A tendência é assumir o papel de professor/intérprete enquanto a realidade surda vem sendo mudada através de lutas da comunidade surda. (cf. VIEIRA, 2007, p.29)

Então não só a prática pedagógica e a formação dos intérpretes que discutimos aqui, mas também a forma como foram moldados, diante da não formação de profissionais da área, “tapando os buracos” da inclusão. Mas, como observa Vieira (2007) quanto à forma híbrida de atuação dos intérpretes ‘educacionais’, acabam sendo professores e intérpretes trocando de papel como numa peça de teatro. E nesses contextos, o intérprete se vê explicando conceitos que os surdos não sabem, literalmente dando aula.

Analisando as interpretações, percebe-se que a intérprete X não acompanhou em alguns momentos a fala, a voz do locutor. Para entendermos melhor esse aspecto temos que pensar no trabalho que os intérpretes realizam. Para a interpretação simultânea o intérprete tende a ficar uma linha ou mais de distância do locutor para preservar a estrutura da língua meta, a que ele vai traduzir. Neste caso a intérprete X ficava muito mais distante que uma linha não conseguindo retomar muitas das falas do texto, surgindo omissões involuntárias.

Também percebe-se que as paradas que a intérprete X faz, que fazem com que ela não acompanhe a fala do locutor, ocorrem devido a alguns momentos em que ela tenta se certificar se a surda tinha entendido e a surda não entendendo, demonstrando isso na expressão fácil, a intérprete explica o que havia dito.

A intérprete Y acompanhou a voz do locutor durante a interpretação com diferença de uma linha ou menos de distância da interpretação. Ela olhava para a surda durante a interpretação, mas em nenhum momento voltou para explicar algo novamente. Também na análise do vídeo percebe-se que a intérprete Y usou sinais específicos para o léxico da língua oral, isto é, um conhecimento terminológico mais amplo, conhecimento este que a intérprete X não apresentou.

Cada interpretação mostrou o contexto de uso da língua de sinais de cada intérprete. E que a construção identitária desses sujeitos da pesquisa se compõem de sua atuação no espaço de trabalho juntamente com formação acadêmica. Parece haver dois tipos de intérpretes que se delineiam a partir desta pesquisa, aqueles que a muito tempo aguardavam uma formação acadêmica, mas por falta de opção acabaram se formando em outros cursos de licenciatura e acabaram por exercer profissionalmente a função de educador. E por essa formação e exercício da mesma acabam por não se desvincular no momento da interpretação do papel que até então vinham exercendo, de professor. Já o segundo tipo intérpretes de língua de sinais são aqueles que estão tendo sua primeira formação formal agora, e será voltada diretamente para interpretação.

Referências bibliográficas:

TERRAZZAN, A. et al, **Configurações Curriculares em Cursos de Licenciatura e Formação Identitária de Professores.** Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 8, n. 23, p. 71-90, jan./abr. 2008.

LIMA, E. S. **Discurso e Identidade: Um Olhar Crítico Sobre a Atuação do (a) Intérprete de LIBRAS na Educação Superior.** 2008. Dissertação Mestrado – Universidade de Brasília. Brasília, 2008.

BERLITZ, A. **Introdução a Teorias de Ensino-Aprendizagem.** Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 1994.

ROSA, A. Tradutor ou Professor? Reflexão preliminar sobre o papel do intérprete de língua de sinais na inclusão do aluno surdo. In: **Ponto de Vista.** Florianópolis, n. 8, p. 75-95, 2006.

RAMIL, V. **A estética do frio: conferência de Genebra** – Porto Alegre: Satolep, p. 7-8, 2004.

VIEIRA, M. E. M. **A Auto-Representação e Atuação dos “Professores-Intérpretes” de Línguas de Sinais: Afinal... Professor ou Intérprete?** 2007. Dissertação Mestrado – Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.